

ANTONIO CHIMANGO

AUTOR: poema de Amaro Juvenal, adaptado pelo grupo Pés na Terra  
Número de personagens: 20 homens, 7 mulheres e figurantes, como  
chinas, peões, anjos e etc...

Personagens:

Descritos na folha de rosto do texto.

Número de páginas: 65

Número de exemplares: 1

Atos: 1, com 33 cenas.

Tema: Adaptação do poema gauchesco ANTONIO CHIMANGO de Amaro Juvenal

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010



ANTÔNIO - CHIMANGO

PAULO MAURÍCIO GURINSKI E OUTROS

criação coletiva do grupo "PÉS NA TERRA"  
livre adaptação do poema de Amaro Juvenal

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

PERSONAGENS DA RONDA

LAUTÉRIO  
CAPATAZ  
AMÂNCIO  
BENTO  
CLAUDIONOR  
O ÍNDIO  
O PIÁ

OS SETE TROPEIROS

O ESTANCEIRO  
A MULHER  
A FILHA  
PEÕES E CHINAS DA ESTÂNCIA  
DA PITANGUEIRA  
MANECA VINTÉM  
AS CHINAS DO BOLICHO

PERSONAGENS DA SÁTIRA



CHIMANGO  
CORONEL PRATES  
JOSÉ TURUNA  
A PARTEIRA  
A CIGANA  
MULHERES DO POSTO  
COZINHEIRAS  
HOMENS DA MESA  
CHALUPA, O HOMEOPATA  
CRIANÇAS DA EST.DE S.PEDRO  
O MESTRE ESCOLA  
PEÕES DA EST.DE S.PEDRO  
CHINOCAS DA EST.DE S.PEDRO  
AURELIANO  
OS PORCOS  
REZADEIRAS  
VIÚVA DO CORONEL  
MARAGATOS  
CHIMANGOS  
OS GAÚCHOS DE BRONZE  
O JUÍZ  
MÚSICOS DA FANFARRA  
O TOURO  
FIRMINO, O CORCUNDA  
OS CAMPONESES  
OS ANJOS POSITIVISTAS  
SANTA CLOTILDE



ANTÔNIO CHIMANGO

CENA I

DE LONGE VEM O RUÍDO ABAFADO DA BOIADA, O TROPEL DOS CAVALOS E AS VOZES DOS BOIADEIROS. SETE VULTOS HUMANOS DESTACAM-SE CONTRA O CÉU DO POENTE. ESTRANHAMENTE, UMA VISÃO COMUM NO PAMPA ALTERA A MARCHA COREOGRÁFICA DA TROPA E TORNA A ATMOSFERA IRREAL: UMA PEQUENA AVE DE RAPI<sup>NA</sup> - O CHIMANGO, DEVORA UMA CARNIÇA. A BOIADA DESAPARECE. A VISÃO DO ABUTRE PERDURA.

CENA II

(ATORES CANTANDO ENQUANTO  
MONTAM A CENA)

Antes da entrada do sol  
Estava a tropa encerrada,  
A porteira bem atada  
Com cuidado e segurança;  
Não vinha lá muito mansa  
E era recém-apartada.

Antes que ficasse escuro  
As camas foi-se arranjando  
C'os arreios e tratando  
De ver lenha pra o fogão,  
Que um bom fogo é o galardão  
De um pobre que anda tropeando.

Comeu-se carne a la farta  
Depois veio o chimarrão  
Correndo de mão em mão,  
Té que a água se acabasse

E a tropa se acomodasse  
Se foi fazendo serão.

(OS SETE BOIADEIROS AO REDOR DO FOGO ENFRENTAM A PRIMEIRA NOITE DE RONDA)

- PEÃO 1 - Que dia puchado, tchê !  
PEÃO 2 - Foi de deitá gaudério !  
PEÃO 3 - 'To todo estropiado !  
CAPATAZ - Eta gado chucro !  
INDIO - 'Inda mais tocado por estes caminhos...  
PEÃO 2 - Corredor comprido e reto como este, nunca vi !  
LAUTÉRIO - (SAUDOSO) Fecharam os atalhos e abriram os corredor !  
CAPATAZ - (ENCERRANDO O ASSUNTO) Isso é arreglo de coronel !

P A U S A

- PEÃO 3 - Que, pelo menos, o tempo permaneça firme.  
PEÃO 2 - É de certeza ! (INDICA O HORIZONTE) Lá pras banda dos castelhanos, tá limpo !  
CAPATAZ - (A UM PEÃO ABSORTO EM SEUS PENSAMENTOS) Abichornado, Amâncio?  
PEÃO 1 - (SAINDO DO DEVANEIO) 'Tava aqui bombeando o céu: as estrelas que cai, as que trocam de lugar e me alebrando do rancho, da patroa...  
PEÃO 3 - (INTERROMPENDO) E o gurizote ?  
PEÃO 1 - (ORGULHOSO) Tá lá, aprendendo as lida do campo. (VOLTA AO DEVANEIO)  
PIÁ - Grande valia ! Pra ter um cavalo, um facão atravessado e esses corredor sem fim !

(CONSTRANGIMENTO GERAL)

- LAUTÉRIO - (NUMA CENSURA AO PIÁ) Vai dar bom tropeiro, que nem o pai !  
CAPATAZ - Ô, guri, ataste bem a porteira ? As varas tão bem apresilha-  
das ?  
PIÁ - Atei. (QUASE PRA SI) Nunca esqueci a obrigação.



PEÃO 1 - (APONTANDO O CÉU) Olha lá ! Olha lá, cumpadre ! Caiu uma  
(OS PEÕES FICAM A ABSERVAR O CÉU EM SILÊNCIO)

INDIO - Diz que cada estrela que cai, é uma cria que chega.

P A U S A L O N G A

PIÁ - (IMPACIENTE) Mas que ronda relambória ! (DESAFIA) Quem conta  
um caso por um trago de cachaça ?

LAUTÉRIO - (ACEITANDO O DESAFIO) Pois vá passando a botija que eu quero  
tirar um gosto. (BEBE UM GOLE) Tu ainda é muito moço pra ba-  
ter aspas comigo. No meio de tanto potro, há de encontrar um  
parceiro. (PAUSA) Entences, vou les contas o caso de uma  
criatura, que de tão maleva, não se viu despencar nem uma  
estrelita, ansim, pra seu galardão.

Pra les contar a vida

Saco da mala o bandônio,

A vida de um tal Antônio

Chimango - por sobrenome,

Magro como o lobisome,

Mesquinho como o demônio.

(ENQUANTO O LAUTÉRIO SEGUE

A NARRATIVA, OS PEÕES VÃO

SAINDO DE CENA)

Nos cerros de Caçapava

Foi que viu a luz do dia,

À hora d'Ave Maria,

De uma tarde meio suja;

Logo cantou a coruja

Em honra de quem nascia.

C E N A III

(A LUZ TRANSFERE-SE DA RONDA PARA O LOCAL DO PARTO. CORPOS PUTREFATOS PENDEM

DO TETO. OS GEMIDOS E A RESPIRAÇÃO DA PARTURIENTE MISTURAM-SE AOS GRUNHIDOS DO DR. TURUNA, QUE SELECIONA PARTES DOS CADÁVERES, INCORPORANDO-OS À IMENSA BARRIGA DA MÃE. UMA PARTEIRA CEGA ATENDE A GESTANTE. NASCE O CHIMANGO: TURUNA E O CORONEL PRATES SÃO FIGURAS IMENSAS.)

PARTEIRA - (APALPANDO O RECÉM NASCIDO)  
Virgem do céu, Santo Padre !  
Isto é gente ou passarinho ?

CEL. PRATES - (RECOMPONDO-SE DO PARTO)  
Você parteira e não sabe ?

DR. TURUNA - Isto logo se descobre !

CEL. PRATES - Terneiro de campo pobre.

PARTEIRA - Não tem quartos nem papada !

CEL. PRATES - É produção desgraçada  
Que não vale nem um cobre !

PARTEIRA - Coitadinho, está tremendo,  
Sente frio o perereca !

CEL. PRATES - Qual sente frio, isto é seca,  
Meta o guri na gemela !

DR. TURUNA - De-le uns tirões na canela,  
Pra que não fique gúaipeca !  
(A PARTEIRA EXECUTA AS ÓRDENS.  
A LUZ VOLTA AO LAUTÉRIO)

C E N A IV

LAUTÉRIO - Inde aos três anos mamava  
E só dizia - tetéia?  
Numa magressa mui feia,  
Quase como e se sumir,  
Pra dar um passo ou subir  
Era só por mão alheia.



Mesmo assim tão fanadinho,  
Pescoço cheio de figas,  
Levado por mãos amigas  
E a benção de seus padrinhos,  
Foi crescendo aos bocadinhos,  
Cheio de manha e lombrigas.

Então, por aqueles tempos,  
Já faz disso um ror de anos,  
Uma tropa de ciganos  
Acampeu-se muito a gosto,  
Ali por perto do posto,  
Num toldo feito de panos.

(A LUZ ABANDONA O LAUTÉRIO E MOSTRA O POSTO DA ESTÂNCIA. À FRENTE DO RAN-  
CHO, UM GRUPO DE MULHERES TRABALHA. A UM CANTO ESTÁ O CHIMANGO. UMA CIGA-  
NA INVADE O ESPAÇO COM SUAS ARTIMANHAS.)

CIGANA

-

(ÀS MULHERES)

Quem quer tirar la suerte ?

(AS MULHERES ENTREDOLHAM-SE ME-  
DROSAS. UMA DELAS APROXIMA-SE  
COM CAUTELA)

Preciso um candieiro,  
Um pelego de carneiro  
E uma guampa de água fria.

(ENFATISA)

E me arrumem dinheiro,  
Dinheiro, mucho dinheiro !  
(ENQUANTO ESPERA OS OBJETOS)  
Passado, presente e futuro,  
Pra cigana nada é segredo!  
(INICIA A TRAPAÇA)





Oh, astros da noite !  
Espíritos das trevas:  
Sapos, grilos, mercegos,  
Despertem das macegas,  
Desatem os enredos !

(LENDO UMA MÃO)

Hum, formosa dona  
De mãozinha bela  
Esta linha dela  
Segredos revela:  
O moço da cancela,  
Espera uma donzela;  
Traz preso na goela  
Teu nome Florisbela.

Vá, sebo nas canela !

(A MULHER SORRI. OUTRAS  
MÃOS SÃO ESTENDIDAS À  
CIGANA)

Dinheiro!

Preciso mais dinheiro!

(LHE ENTREGAM O DINHEIRO.

SEGUE EM SUAS PREVISÕES)

Sorria, minha querida,  
Teu sofrer está no fim;  
Ele decidiu, até qu'enfim !  
Vá terminando o enxoval,  
Casas antes do Natal !

(UMA VELHA, EMPURRANDO AS  
COMPANHEIRAS, TENTA SER A  
PROXIMA CLIENTE)

Sai pra lá, sai pra lá !

Agora é a minha vez,  
Chega de viuvez !

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

VELHA -



CIGANA -

(ARDILOSA)

Minha vista está cansada  
Pra ver linhas apagadas,  
Preciso mais moedinhas;  
Quem ajuda essa velhinha ?

(DÃO MOEDAS À VELHA E  
ESTA À CIGANA)

Você foi muito ladina,  
Isso quando menina:  
Alguém sempre a tua espera  
No bamburral das tapera,  
Gemias mais que taquara  
Em noite de lua clara,  
Quando sentias no lombo  
O fogo a te dar um tombo.

(PARA AS MULHERES)

E essa aí, ô: nhec, nhec, nhec...

(FAZ COM O CORPO MOVIMENTOS  
OBCENDS)

VELHA -

É mentira, é mentira !

Eu sempre fui mulher prendada!

Peão nenhum me viu pelada !

(TODAS RIEM DA VELHA. A CI-  
GANA SENTE UMA FORTE INQUIE-  
TAÇÃO. INTERROMPE A TRAPAÇA.

APROXIMA-SE DO CHIMANGO E

FALA NUM TOM PROFÉTICO)

Virabosta é preguiçoso,

Mes velhaco passarinho;

Pra não fazer seu ninho

Se apossa do ninho alheio,

Este há de, segundo creio,

Seguir o mesmo caminho.



(AS MULHERES ENTREOLHAM-SE  
PERPLEXAS SEM ENTENDER O  
QUE FALA A CIGANA)

Cobra é bicho traiçoeiro,  
Guaraxaim disfarçado,  
Quando se sente pegado,  
Deita e se finge de morto;  
Matreiro é novilho torto,  
Que se esconde no banhado.

A erva de passaçinho  
É praga mui conhecida  
E tão mal agradecida  
Às arves em que se nutre,  
Que, mais feroz que um abutre,  
Mata as que le dão a vida.

(AS MULHERES COCHICHAM DU-  
VIDANDO DO QUE ELA DIZ)  
O pescador se aproveita  
Da minhoca, bicho à toa,  
Também muita gente boa  
Se serve da mão canhota  
De um couro se faz pelota,  
Quando não se tem canoa.

Ninguém se fie portanto,  
Neste tambeiro mansinho;  
E o digo porque adivinho  
E percebo muito bem  
Na linha torta que tem  
Perto do dedo minguinho.

(AS MULHERES RIEM, CUTUCAM-  
SE E CAÇOAM)



Este pois que aqui se vê  
C'um jeitinho de raposa,  
Parece um Mané de Souza,  
Mas, isto é só na aparência;  
Inda há de ter excelência,  
Inda há de ser grande cousa.  
(AS MULHERES, ÀS GARGALHADAS,  
EXPULSAM A CIGANA. A LUZ VOL  
TA AO LAUTÉRIO)

LAUTÉRIO -

Ansim falou a cigana  
E toda a gente se ria  
Das bobages que dizia  
Sobre a sorte do miúdo;  
Amigos, aquilo tudo  
Tinha de ser algum dia.

#### C E N A V

RUÍDO DA TROPA QUE SE APROXIMA. NOVA MARCHA COREOGRÁFICA  
EVIDENCIANDO O SEGUNDO TRECHO DA JORNADA. AOS POUCOS ESCURECE.

#### C E N A VI

ATORES -

(CANTAM NO ESCURO)  
A tropa se foi deitando,  
Pouco a pouco e sossegou  
Quando o capataz mandou:  
- Ronda larga e à vontade,  
Que com folga e liberdade  
Nunca o boi se alvorotou.  
(O ELENCO PASSA CONDUZINDO  
FOGOS DE ARTIFÍCIO, COMO U  
MA IMENSA MBOI-TATÁ QUE

SERPENTEIA PELO PALCO.)  
Ninguém lamente o tropeiro  
Porque leva a vida ingrata.  
Se na lida se maltrata,  
Tem muita compensação:  
Tropa mansa, bom rincão,  
Ronda com luar de prata.

O FINAL DA MÚSICA MISTURA-SE AO RISO DOS TROPEIROS. A LUZ REVELA O AMBIENTE DA SEGUNDA NOITE DE RONDA. ESTÃO EM CENA: 2 PEÕES, O INDIÓ, O PIÁ E, UM POUCO AFASTADO, O CAPATAZ.

PEÃO 2 - (ÀS GARGALHADAS) ... mas aquele baile foi mesmo muito engraçado, cumpadre.

PEÃO 1 - (RINDO MUITO) Toda vez que eu me alembro, não posso deixá de rir... foi muito divertido dançá com aquela gordita... as banha toda sacolejando...

PEÃO 2 - E a mãe da gordita danada com o cumpadre. (RISADAS)

PEÃO 1 - E a noite era linda como esta... (MALICIANDO) quente...

PEÃO 2 - Mas o que eu queria contá era o caso do boi-tatá...

PEÃO 1 - Nem gosto de lembrá de uma coisa dessas...

PIÁ - Isto é estória que minha vô contava... e até hoje, nunca vi.

CAPATAZ - Tu ainda tem muito pra vê nesta vida, guri.

PEÃO 2 - É, tu é de sorte guri... pos certa vez, ía eu e o cumpadre Amâncio, a caminho das charqueadas. Depois de atravessá o Camaquã, ía caindo a noite... Olhemo pra trás... Cadê o home? (PAUSA) Vai vê, foi pras macegas. Continuemo tocando a tropa. E nada do cumpadre... Aí o capataz falô: - Bento, dá volta e vê se encontra o Amâncio. Sai troteando até o alto da coxilha. A noite fechou... mais negra que alma-de-gato. Naquele silêncio morto, só escutava o bufar do cavalo. Quando, no descambar da canhada, foi que eu vi... tava lá o cumpadre... com o cavalo corcoveando... a boitatá enrodilhada nas patas... mais parecia uma bola de fogo... os olho em brasa... o lãna ta...

... e língua da cobra, feito uma labareda, pronta pra  
cegar o Amâncio.

PEÃO 1 - E eu, agarrado no cavalo... quietito e de olhos cerrado.

PEÃO 2 - Foi quando deu um relance de vento... e a serpente de luz  
foi se esfarinhando pelas macega.

PEÃO 1 - Bem ha hora, cumpadre ! Mais um pouco e eu tinha sujado as  
bombacha.

ÍNDIO - Se fosse o piá, já tinha corrido perna abaixo. (TODOS RIEM E  
PILHERIAM. ENTRAM LAUTÉRIO E O PEÃO 3 QUE ACABARAM DE CUMPRIR  
SEU QUARTO DE RONDA. O ÍNDIO DIRIGE-SE AO LAUTÉRIO NUM TOM DE,  
BRINCADEIRA) Vá se chegando, velho toruno !

LAUTÉRIO- (NA DEFENSIVA) O quê tu tá pensando, Índio borracho ! Levan-  
ta: daí e vai já fazê a tua ronda, em vez de ficá só lagartean-  
do em roda do fogo.

ÍNDIO - Não te apotre amigo velho que eu não sou índio do mato, por  
isso vá apresilhando a língua, ordem aqui, só do capataz.

LAUTÉRIO- Tu tá me estranhando. Fedelho não me dá tombo. Se tá te co-  
çando, eu posso te passá o relho... e é com ele que eu apre-  
silho a tua língua, seu borra-bosta. (OS DOIS SE ENFRENTAM.  
OS OUTROS TENTAM IMPEDIR A BRIGA)

CAPATAZ - (INTERVINDO) Vamo acabá com esse entrevero. Chega Índio, vai  
cuidá da obrigação. (O ÍNDIO SAI CONTRARIADO)

PEÃO 3 - (APAZIGUANDO) Não te apoqueta, de quando em vez o índio  
fica meio arrelento.

LAUTÉRIO- (ACALMANDO-SE) É... dar num guri não é glória.

PEÃO 1 - Deixando isso pra lá, nois tava aqui contando um causo e bem  
que tu podia continuá a estória do... (ESQUECE)

LAUTÉRIO- Do Antonico Chimango ? Buenas... (RELEMBRANDO)

Vamos continuar a estória

Que onte les vinha contando.

(A LUZ CONCENTRA-SE EM LAU-  
TÉRIO)

Tinha já mudado os dentes  
E andava de camisola

C E N A VII



DOIS PEÕES AGUARDAM À MESA. UMA COZINHEIRA TRAZ UM PRATO APETITOSO E FUMEGANTE. ATRÁS VEM O CHIMANGO FAREJANDO. ELE SALTA PARA BAIXO DA MESA SEM SER NOTADO. ENQUANTO OS HOMENS SE DISTRAEM A OLHAR AS CURVAS DA MULHER, O MOLEQUE AVANÇA DEVORANDO TUDO. OS HOMENS FICAM CISMADOS, OUTRA COZINHEIRA SERVE MAIS QUITUTES E ESTES TAMBÉM DESAPARECEM. O CLIMA É DE DESCONFIANÇA E FICA CADA VEZ MAIOR. A CADA DISTRAÇÃO, EM MEIO À OLHARES INSINUANTES, NOVOS FURTOS. O CHIMANGO A DEVORAR TUDO, CADA VEZ MAIS VORAZ. AO FLAGRAREM O AUTOR DOS ROUBOS, ARMA-SE GRANDE CONFUSÃO.

C E N A VIII

A MESA É TRANSFORMADA EM MACA E O CHIMANGO É CONDUZIDO ATÉ O CHALUPA, ESPÉCIE DE CURANDEIRO, QUE APLICA "MÃO PATIA". OS PEÕES ENUMERAM OS SINTOMAS DO GURI.

PEÃO 1 - Anda sempre atempado !  
PEÃO 2 - Volta e meia é churio !  
PEÃO 1 - Pontadas pelo vazio !  
PEÃO 2 - Dor de barriga, enxaqueca,  
Catapora, tosse seca !  
PEÃO 1 - Mas nunca tem fastio !  
PEÃO 2 - Isso então, é um alarme;  
Feijão, milho assado, mel,  
Canjica, rolão, pastel...  
PEÃO 1 - Tudo, tudo ele topa;  
Parece que sempre anda  
Às voltas c'o Rafael !  
CHALUPA - (ENQUANTO EXAMINA O CHIMANGO)  
A moléstia é vária,  
Como diz a medicina;  
Se não é fome canina,  
Não passa de solitária.



(EXPLICA AOS PEÕES)

É um bicho que dá na tripa,  
Com parecença de cobra,  
Cumprido e cheio de dobra,  
Com muita escaminha branca,  
Que de vereda se arranca  
Dando semente de abobra.  
Mas, pra que produza efeito,  
Antes de dar a semente,  
Há de ficar o doente  
Uns três dias sem comer.  
Expremente e há de ver  
Qu'isto é um remédio valente.  
(O CHIMANGO FICA POSSESSO. TEN  
TA AGREDIR O CHALUPA. É CONTI-  
DO PELOS PEÕES. BREVE ESCURECI  
MENTO)

C E N A IX

APARECE O CHIMANGO TENTANDO EXPULSAR A SOLITÁRIA. ALGUMAS CRIANÇAS AJUDAM A PUXAR O VERME QUE PREENCHE TODO O ESPAÇO DO PALCO. PARTEM EM PEDAÇOS A SOLITÁRIA, TRANSFORMANDO O EPISÓDIO NUMA BRINCADEIRA. PILHERIAM COM O CHIMANGO UTILIZANDO O VERME NOS SEUS BRINQUEDOS.

GURIA 1 - (PULANDO CORDA COM A  
SOLITÁRIA)  
Chimango é um tramanzola,  
Sô anda de camisola !

GURI 2 - (ATIRANDO O LAÇO)  
Corre de pistola !

guria 2 - (BRINCANDO DE ÇAVALINHO)  
Foge de morcego !

GURIA 3 - (MIRANDO A FUNDA)  
Molha o pelego !

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010



GURI 3 - (DANÇANDO A CHULA)  
Maturrango só anda em pelo!

GURI 1 - (LANÇANDO A BOLEADEIRA)  
Chimango só toca o sinuelo!  
(ENFURECIDO CHIMANGO TENTA ACABAR COM A BRINCADEIRA. APANHA OS PEDAÇOS DA SOLITÁRIA . INICIA UM "CABO DE GUERRA". CHIMANGO DE UM LADO E AS CRIANÇAS NO OUTRO)

TODOS - Chimango é um paião,  
Tem medo de laço!  
Chimango é um paião,  
Tem medo de laço!  
(COMO ÚLTIMA TENTATIVA O CHIMANGO ERGUE OS BRAÇOS. UMA PARÓDIA DA DANÇA DE FITAS O ENVOLVE NUM EMARANHADO DE VERMES. LUZ EM LAUTÉRIO.)

C E N A X

LAUTÉRIO - Na Estância havia uma escola  
Pros filhos da peonada;  
Escola mui relaxada.  
O mestre, um velho borracho,  
Que punha livros abaixo,  
Mas pouco ensinava ou nada.  
(OS ALUNOS AGUARDAM O MESTRE. ESTE APARECE CAMBALEANTE. ENTRE UM GOLE E OUTRO DE AGUARDENTE, VAI LENDO EM VOZ ALTA UM POEMA. NÃO PERCEBE OS ALUNOS)



De pé, sem arranzel:  
Palmas e três vivas  
Ao impoluto Coronel !

ALUNOS -

(APLAUDINDO)  
Viva! Viva! Viva!  
(O PROFESSOR FAZ AS  
CRIANÇAS SENTAREM. O  
CORONEL SAI)

PROFESSOR -

(GRITANDO DA PORTA)  
Fique tranqüilo Coronel,  
Seu afilhado Chimango  
Ainda vai usar o anel!  
(INICIA A AULA)  
Este é o A, primeira letra,  
Que conhecer muito importa;  
Veja bem que não é torta,  
É a primeira que se ataca,  
Tem um feitio de barraca  
C'um pau cruzado na porta.  
(MOSTRANDO A LETRA B)  
Este é o B, tem dois mamulos,  
E, pra nunca esquece-lo,  
Lembre-se dum pessuelo  
Na garupa atravessado,  
Um bolso pra cada lado  
E um travessão pra suste-lo.  
(SENTINDO VONTADE DE BEBER, O  
PROFESSOR, COM UM ARTIFÍCIO,  
DESVIA A ATENÇÃO DOS ALUNOS).  
Sigam a linha do meu dedo  
Que aponta o pavilhão,  
E aprendam a honrar cedo,  
O "grã" fetiche de S. Pedro!



(REPREENDE UM ALUNO QUE  
O FLAGRARA BEBENDO)

Menino, preste atenção;  
Não se ponha a olhar pra rua,  
Que o meto já na cafuná;  
Entende vossa mercê ?

(CONTINUA A AULA)  
Estoutra letra é o C,  
A forma é de meia lua.

(DELIRA)

" Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

E nos sonhos..."

(VOLTANDO A SI, QUESTIONA  
OS ALUNOS SOBRE A MATÉRIA.  
SATISFEITO, DISPENSA-OS)

Bravo, meus orgulhos!  
Levem junto, sem embrulhos,  
A mais sagrada lição:  
- Obediência a cada dia,  
Pr'alcençar a perfeição !  
Agora, à la crise !

(OS ALUNOS SAEM ÀS CARREI-  
RAS. O PROFESSOR DETEM O  
CHIMANGO.)

Tu fica !

(CONTRARIADO O CHIMANGO TOMA  
O SEU LUGAR. O PROFESSOR RES-  
MUNGA UM DESABAFO.)

- Aurea Mediocritas !  
Paciência é meu forte,  
Minha bússola e meu norte,  
Me diz logo e sem floreio,



CHIMANGO - Que letra é a barraca  
PROFESSOR- C'um pau no meio ?  
(EM DÚVIDA) B ?  
(NERVOSO, BEBE)  
O B é este, mula empacada!  
(PRA SI)  
Diacho, e ainda falta a taboada!  
(MOSTRA A LETRA C, PRESENTINDO  
NOVO ERRO ANTECIPA-SE À RESPOSTA)  
Não me vem com A ou B!  
Energúmeno, este é o C !  
Diz que é o C, seu capadócio !  
Diz pro mestre,  
Diz pro mestre Esculapius .!  
Diz que é o C, seu mentecaptus !!!  
CHIMANGO - (MEDROSO)  
PROFESSOR- É o c ?  
(COMPLETAMENTE EMBRIAGADO)  
Aleluia !  
Aleluia, Coronel !  
(TENTA DAR UM PONTAPÉ NO  
CHIMANGO QUE SAI)  
Aí vai seu bacharel !  
(A LUZ VOLTA AO LAUTÉRIO)  
LAUTÉRIO - Não saiu lendo por cima,  
Mas, um pouco soletrado;  
Ficou sendo um aporreado  
Como tantos que eu conheço,  
Que se vendem por bom preço  
Por terem pelo pintado.

#### C E N A XI

NO GALPÃO VÃO CHEGANDO OS PEÕES PARA SUA COSTUMEIRA RODA DE CARTEADO AO ANOITECER. NO DECORRER DO JOGO, O CHIMANGO, DISFARÇAMENTE, ESCUTA E ESPREITA TUDO O QUE ACONTECE POR ALÍ.

- PEÃO 1 - (ENTRANDO)  
Buenas! Já tá atijando o braseiro ?
- PEÃO 2 - Tava à espera dos companheiros.
- PEÃO 3 - Buenas! Que tal um carteadado ?
- PEÃO 2 - É o consolo do vivente cansado.
- PEÃO 3 - (AO JUVENAL QUE CHEGA SISUDO)  
Buenas, Juvenal !  
Porque essa cara de mau ?
- JUVENAL - Foi ontonte lá nas corrida,  
Tantas patacas perdidas!
- PEÃO 2 - Deixa este assunto de largo,  
Vamos tomar um amargo !
- PEÃO 4 - Buenas! Sou novo aqui na Estância,  
Tô me chegando pro fogo  
Pra fazer parte do jogo.
- PEÃO 2 - Pois vamo ao carteadado, então !
- JUVENAL - Não jogo com qualquer João!
- PEÃO 3 - (APAZIGUANDO)  
Vamo pará de intriga,  
Não quero apartá briga!
- PEÃO 4 - (AO JUVENAL)  
Se é por falta de vintém,  
Te serve dos que o "João" tem!  
(ATIRA ALGUMAS MOEDAS EM DIRE-  
ÇÃO AO JUVENAL)
- JUVENAL - (DESPREZANDO A OFERTA)  
Isso eu atiro no boliche  
Pra qualquer chineiro mixe!  
(OS DOIS SE ENTREOLHAM)
- PEÃO 3 - A parada é a dois vintém,  
Só aposta quem tem!
- PEÃO 2 - (DISTRIBUINDO AS CARTAS)  
Pra evitar "nova" trapaça,  
Bico fino na cachaça!



PEÃO 4 -

(SENTINDO-SE AGREDIDO)

Pois, não é do meu feitio,  
Sou um campeiro de brio!

(ANUNCIANDO)

Tão fechado os quinze, no osso!  
(VAI APANHAR AS APOSTAS E É IM-  
PEDIDO PELO JUVENAL.)

JUVENAL -

Vô tê de conferí, moço!  
Vá recolhendo o pescoço!

PEÃO 4 -

(INDIGNADO)

Pra que tanta estranheza,  
Eu não sô de safadeza !

JUVENAL -

Não foi o que se passô  
De ontonte lá nas carreras:  
Disfarces de rebencaços,  
E o tordilho, lá na rabera!

PEÃO 2 -

(SOLIDÁRIO COM O JUVENAL)

Quem dá sofrenço em rédea  
De cavalo bom de pata,  
Só pode ser mão bem paga  
Com uns punhados de prata!

JUVENAL -

Conchavos com o Coronel,  
Que do fundo do colchão  
Puxa sortidas patacas  
Que te abarrota a guaiaca,  
Desonrado vivente, finória cascavel!

PEÃO 4 -

(OFENDIDO)

Cascavel quem te pariu!  
Mestiço, negro, bugiu!

JUVENAL -

Com mestiço, negro e bugiu,  
Dormiu tua mãe no putariu!  
(NUM RÁPIDO MOVIMENTO, OS  
DOIS SE PÕE DE PÉ. COMO  
GALOS NUMA RINHA FICAM EM

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90000

- PEÃO 2 - POSIÇÃO DE ATAQUE.)  
Opa! Vamos botar regra no jogo:  
Quando no ar o facão alumeia,  
E a ponta riscar o chão,  
Tá começada a peleia!  
(ORA APROXIMANDO-SE, ORA  
RECUANDO, OS DOIS SEGUEM  
OS MOVIMENTOS SEMELHANTES  
A UMA RINHA)
- JUVENAL - Te ensino hoje a ser homem!  
PEÃO 4 - Te falta culhão pra isso!  
JUVENAL - Te capô e faço choriço!  
PEÃO 4 - (FAZ MENÇÃO AO SEXO)  
Pois vem, que aqui, muito tem!  
(SIMULTÂNEAMENTE RETIRAM SUAS  
FACAS DA CINTURA. ANALISAM-SE.  
QUANDO PARECE IMINENTE O DES-  
FECHO, UMA VOZ, DE FORA, IN -  
TERROMPE O CONFRONTO)
- PATROA - Juvenal! Ô Juvenal, vem deitá!  
(AO CHAMAMENTO DA ESPOSA, O JU-  
VENAL SAI CONSTRANGIDO. A LUZ  
CONCENTRA-SE NO LAUTÉRIO)

C E N A XII

- LAUTÉRIO - Ouvir o que dizia o povo  
Miúdo, lá no galpão,  
Desse ofício ele gostava  
Como peru de cupim;  
Sutil como borlântim  
Desempenhava o papel.



CHIMANGO - Aquela peonada falsa!  
Quase veio abaixo o galpão...

CORONEL - Desembucha, então ?

CHIMANGO - Os home tudo jogando,  
A dinherama rolando,  
Todo mundo peleando,  
A canha abria as matraca,  
E seu nome pra lá...  
E seu nome pra cá...

CORONEL - Ficou tararaca, guri ?

CHIMANGO - Não é cousa de guri,  
Tô falando o que eu vi...

CORONEL - Deixa de futrico  
E vai abrindo o bico.

CHIMANGO - Não gosto de lambança,  
Nem queria le contar.  
(SONDANDO)  
Mereço sua confiança ?  
(O CORONEL RESMUNGA SEM  
NADA RESPONDER)  
Imagine o meu padrinho  
Que chegaram até falar  
Que o Senhor mandô pagá  
Aquele peão matusco,  
Pra seu cavalo ganhá.  
Inté le chamaro de cusco!  
Meu padrinho, coitadinho!

CORONEL - E tu ?

CHIMANGO - (ENTUSIASMA-SE COM O INTERESSE  
DO CORONEL)  
Disse que dobrassem a língua,  
Que iam morrê à mingua.  
Tão bondoso, o Coronel!



Até me deu uma gana,  
De prepará um cristel  
Cheio d'água bem quente  
E, sem piedade nem dó,  
Enfiá no fiofó

CORONEL -

De cada um daquela gente!  
(REPREENDE O CHIMANGO MAS  
NÃO CONSEGUE DETER O RISO)  
Olha o respeito, fedelho,  
Se não te passo o relho !

CHIMANGO -

(FINGINDO HUMILDADE)  
Me passô pela cabeça,  
Não pude fazer nada...  
Toda aquela peonada!

CORONEL -

(NUMA REFERÊNCIA À MA-  
GREZA DO CHIMANGO)  
Esta carcaça de fora ?  
E a comida do galpão ?

CHIMANGO -

(NUMA MENTIROSA QUEIXA)  
Quando chego no galpão,  
Eu só encontro as panelas...  
(NUMA AUTO-COMPAIXÃO)

CORONEL -

Fico bicando nos grão  
Grudados no fundo delas!  
(SURPRESO)  
Tão mal assim, afilhado ?  
Então, vais ser bem tratado...  
Diz à Seá Finoquinha  
Que a partir deste momento,

CHIMANGO -

Comes na minha cozinha.  
(EUFÓRICO)  
Agora é que me alimento!



CAUTÉRIO -

Tinha grande habilidade,  
Com seu jeitinho de mico,  
Pra fazer um mexerico  
E armar com manha e intriga;  
Logo que havia uma briga,  
Já le metia no bico.

Ansim foi, como o caruncho,  
Que penetra num pau duro,  
Abrindo aos poucos o furo  
No bem-querer do padrinho.  
O Chimango era espertinho  
Em preparar o futuro.

C E N A XIII



O RUÍDO DE TROVÕES E O CLARÃO DE RAIDOS ANUNCIAM A TEM-  
PESTADE. O VENTO ENVOLVE OS TROPEIROS EM SEU DESLOCAMENTO COREOGRÁFICO.

ATORES -

(CANTAM DE FORA ENQUANTO  
A BOIADA PASSA)  
Do meio-dia pra tarde  
Se foi o tempo arruinando,  
Soprava de quando em quando  
Um vento quente do norte.  
Ansim é que muda a sorte  
De um pobre que anda tropeando.

Lá pras bandas do poente  
Formou-se uma barra escura,  
A felicidade não dura  
E é china que não se roga;  
Não há mania nem sogá  
Que a possa manter segura.

O temporal era certo.  
Quem isto sabe não erra:  
Um cheirinho ansim de terra,  
Que vem de lá não sei donde,  
Avisa que não se ronde,  
Mas que se busque uma encerra.  
(O SOM DE TEMPESTADE QUE PON-  
TILHAVA A MÚSICA INTENSIFICA-SE)

C E N A XIII

OS PEÕES ADENTRAM NO GALPÃO DA ESTÂNCIA DA PITANGUEIRA;



PEÃO 1 - Que lugarzito bueno, tché!

PEÃO 2 - É, pelo menos vamo passá a noite abrigado.

PEÃO 3 - Em boa hora...

CAPATAZ - (CORTANDO) Vão se aprontando pra esticá o lombo, indiada.

PEÃO 2 - (ABRINDO A JANELA) Olha só o aguacero!

PEÃO 3 - Foi o quanto deu pra encerra.

PIÁ - Temporal não é brincadeira! (ENTRA O DONO DA ESTÂNCIA)

ESTANCIEIRO Buenas !

TODOS - Buenas !

ESTANCIEIRO Trago aqui um mate-doce pra les trazê as forças de volta.

ÍNDIO - Inté que tamo precisado.

LAUTÉRIO - É, pos desde ontem que o gado andava aos tranco... sentindo que o tempo se ía mudá.

CAPATAZ - Queria le agradecê, Coronel, por nos tê dado pousada.

ESTANCIEIRO Estejam a gosto, como se fosse a casa de um seu irmão. E digam lá, pro Coronel Ramiro, que é sempre uma honra acolhê sua tropa.

PEÃO 1 - Mui lindo seu galpão. Bem quinchado...

ESTANCIEIRO Eu mesmo construí, ombro a ombro com a minha peonada.  
(UM TROVÃO INTERROMPE A PROSA)

PIÁ - (ESCUTANDO) Mais parece um couro arrastando.

ESTANCIEIRO (AO OLHAR OS PERTENCES DA TROPA) E aquela gaita, alí...  
Quem toca ?

PEÃO 3 - O tio Lautério, aqui!

ESTANCIEIRO (ANIMADO) Mas que tal, então, reunir a peonada e as moças da estância e improvisá um fandango ? (CONTENTAMENTO GERAL) Vou chamá o mulherio pra dá uma ajeitada no galpão.  
(VAI SAINDO)

PEÃO 1 - Onde que a gente pode se passá uma água ?

ESTANCIEIRO (PERTO DA PORTA APONTANDO) Alí tem uma tina... (EM TOM FOLGAZÃO) e se alguém quizé pode aproveitá a chuva. (TODOS RIEM. O ESTANCIEIRO ABANDONA O GALPÃO)

COMEÇAM OS PREPARATIVOS PARA O BAILE. OS PEÕES LAVAM-SE E BARBEIAM-SE. ENTRAM AS MULHERES VARRENDO E BORRIFANDO ÁGUA SOBRE O PISO BATIDO. COLOCAM A MOBÍLIA NUM DIVERTIDO BAILADO.

MULHERES -- (CANTANDO)

Inda o resto foi mais lindo;  
Tinha a estância muita china;  
No galpão fez-se faxina,  
Alimpou-se bem o piso;  
E armou-se ali num proviso,  
Um baile de relancina.

(AS MULHERES SAEM)

PEÕES - (CANTANDO)

Ninguém contava co'aquilo  
Que foi mesmo um refrigerio;  
A gaita do tio Lautério  
Repinicava e gemia  
C'um gosto... que parecia  
Que tinha dentro um mistério.

ESTÁ TUDO PREPARADO. TODOS COLOCADOS. A GAITA DO LAUTÉRIO ROMPE NUMA RANCHEIRA LARGADA. INICIA O FANDANGO COM GRANDE ANIMAÇÃO. OUVEM-SE ENTRE A MÚSICA E A DANÇA, COMENTÁRIOS DE TERTÚLIA, EXCLAMAÇÕES, RISOS. ENTRAM O ESTANCIEIRO, A MULHER E A FILHA. SENTAM-SE EM LUGAR DE DESTAQUE. NUMA PAUSA DE MÚSICA, O ESTANCIEIRO PEDE A PALAVRA.

ESTANCIEIRO - Peço licença a esta minha gente de valor. O baile 'stá mui animado... mas a patroa aqui, quer que le contem o caso de um tal... Como é mesmo, mulher ?

PATROA - Do Antônio Chimango!

LAUTÉRIO - Buenas, então, chega de tango  
Segue aqui mais uma do tal Chimango.

(ENQUANTO LAUTÉRIO SEGUE CONTANDO,  
A LUZ VOLTA-SE APENAS PARA ELE)



Estância linda era aquela,  
Onde a vista se estendia  
Por mais de uma sesmaria  
De campo todo gramado;  
Era de fama o seu gado,  
Quer de corte, quer de cria.

Lá não se via macega,  
Tudo grama de forquilha,  
Trevo era mato, e flechilha;  
Muita fartura de aguada;  
Cada cerca d'invernada  
De moirão de coronilha.

E E N A XV

(A LUZ DESAPARECE DE LAUTÉRIO.  
CONTINUA APENAS A SUA VOZ NO  
ESCURO, QUANDO SURGE A FIGURA  
DO CORONEL PRATES FRENTE AO ES-  
PELHO)

LAUTÉRIO -

Tudo em orde e bem cuidado,  
Cada coisa em seu lugar;  
Sabia o dono mandar  
À peonada gaúcha.

O coronel Prates, cuepucha!  
Tinha um dom particular.

(O CORONEL ENSAIA POSES AU-  
TORITÁRIAS. O CHICOTE EM PU-  
NHO.)

Era um home de respeito,  
Trabalhador, camperaço;  
Tinha firmeza no braço,  
Na vista a mesma firmeza;

Pois, era aquela certeza  
Quando sacudia o laço!  
(VAI AOS POUCOS VESTINDO-  
SE. TREINA O MANUSEIO DO  
LAÇO)

Boleava como um charrua  
E nunca se atarantava;  
Se por acaso rodava,  
Nem lhe prestava atenção;  
Rédea e cabresto na mão,  
Fresco<sup>e</sup> de pé se aprumava.  
(COMPLETAMENTE PILCHADO, O  
CORONEL MIRA-SE ORGULHOSO  
E SEGURO DE SI)

Se aparecia algum gringo  
Desses que vem lá d'Oropa,  
Que não é qualquer que topa  
E que entende o idioma,  
Pra o coronel era broma...  
O mesmo que fazer tropa.  
(A LUZ ABANDONA O CORONEL  
E VOLTA AO LAUTÉRIO)

E a peonada da Estância!...  
Isso é que era de se ver!  
Moçada guapa a valer,  
Na porteira do curral,  
Cada qual, com seu bagual,  
À espera do amanhecer.

Gente campeira, daquela  
Que trabalha e não se aguacha,  
Destorcida e buenacha,  
Não era como a de agora,  
Que só vai a relho e espora,  
Lerda como mula guaxa.



C E N A XVI

A LUZ VOLTA À CENA DO BAILE. OS PERSONÁGENS TRANSFORMAM-SE EM TIPOS SATÍRICOS E O AMBIENTE É UM LOCAL CHEIO DE BANDEIRILHAS MULTICOLORIDAS. PEÕES E CHINAS NAMORAM À DISTÂNCIA, ENTRE RISINHOS E TREJEITOS. O CORONEL CHEGA AO BAILE. ATRAI A ATENÇÃO DAS MOÇAS CASADOURAS E DAS VELHAS SIRIGAITAS. ELE PASSA O OLHAR POR TODAS. DIRIGE-SE AO BANCO COM A INTENÇÃO DE ESCOLHER SEU PAR. PEGA A MÃO DO CHIMANGO E SAEM A DANÇAR UM TANGO. PEÕES E PRENDAS FICAM A SE MORDER DE INVEJA. A LUZ VOLTA A CONCENTRAR-SE EM LAUTÉRIO.

LAUTÉRIO -           Era o mimoso da Estância  
                          Todos reparavam nisso;  
                          Parecia até feitiço  
                          Aquele predileção!  
                          Tão grande era a proteção  
                          Que recebia o magriço.

C E N A XVII

AO REGRESSAR A CENA REALISTA, A LUZ MOSTRA TODOS AO REDOR DE LAUTÉRIO ESCUTANDO COM GRANDE INTERESSE O FINAL DO "CAUSO".

LAUTÉRIO -           Devagar se foi metendo,  
                          Todo cheio de mesura,  
                          Como piolho em costura  
                          Em tudo o que era da casa;  
                          E ansim foi criando asa  
                          Com marcha certa e segura.  
                          (TODOS CAEM NA RISADA)

ESTANCIEIRO - Agora, que siga o baile, Lautério! (RECOMEÇA A FESTA MAIS ANIMADA AINDA. DEPOIS DE UM TEMPO, UM TROVÃO FAZ A CENA CONGELAR. OS ATORES QUE INTERPRETAM OS TROPEIROS DESTACAM-SE DO GRUPO. SEGUEM CANTANDO ATÉ A PRÓXIMA RONDA)





ATORES - (CANTANDO)

O Camaquã ficou cheio  
Deitou água campo fora,  
Ali nos veio a caipora,  
Que o destino a ninguém poupa;  
Nem tempo pra mudar de roupa,  
Nem pra desatar a espora.

Dia e meio ali ficou-se  
Parada à beira da enchente.  
Mas mui pronto, felizmente,  
Foi-se apresentando a baixa,  
Entrou logo o rio na caixa,  
Ansim muito de repente.

OS TROPEIROS, ARRANCHADOS À BEIRA DO RIO, OLHAM PARA AS ÁGUAS. ENQUANTO DISCUTEM, LAUTÉRIO PREPARA-SE SEM DAR A PERCEBER.

- PIÁ - Não vai dá pra passá.
- PEÃO 1 - Mas agora que o rio entrô no prumo.
- PEÃO 3 - Entrô ligeiro demais, cumpadre! Sinal de mais chuva.
- PEÃO 2 - Vento norte não engana... esse rio vai derramá mais água ainda.
- ÍNDIO - Se não passemo agora, o remédio é voltá.
- CAPATAZ - Voltá? E com que cara vocês vão enfrentá o Coronel?
- PIÁ - Eu não vô arriscá o meu pelo por um momte de boi.
- PEÃO 2 - Prefiro abraçá uma cascavel de guizo, e dar volta com esse gado.
- PEÃO 1 - Essa vergonha eu não quero passá.
- CAPATAZ - Com o prejuízo que o coronel vai tê... voces não vão enxergá um vintém.
- LAUTÉRIO - Se é coragem que falta... eu tenho de sobra! (TERMINA DE

DESPIR-SE E SALTA NO RIO)

- ÍNDIO - Digale, velho valente!
- CAPATAZ - Cuidado, Lautério! O Camaquã é traiçoeiro!
- LAUTÉRIO - Façam cair bem a ponta, o resto deixem comigo! (A ILUMINAÇÃO QUEBRA O REALISMO DA CENA. A TRAVESSIA DE LAUTÉRIO É FEITA SOBRE OS CORPOS DOS ATORES. ATRÁS SEGUE A BOIA DA, EM SILUETA)

C E N A XIX

OS PEÕES, DO OUTRO LADO DO RIO, PROCURAM SE AQUECER À RODA DO FOGO E SECAR O QUE CHEGOU MOLHADO.

- ÍNDIO - Não foi fácil entrentá essa correnteza.
- CAPATAZ - Se não fosse o nosso Lautério velho!
- PEÃO 2 - Ô cumpadre, deixaste a ponta do meu poncho pra fora da peleta. (MOSTRANDO A ROUPA MOLHADA)
- PIÁ - Me dá aqui que eu boto pra secar. (LEVA O PONCHO MOLHADO ATÉ O FOGO)
- PEÃO 2 - (INTERROMPENDO) Não te bobeia, guri! (ESPIRRA)
- LAUTÉRIO - (AO PEÃO 1) Vê só, essa peonada nova... se apumando nos lombilho... não agüentam mais um tirão.
- PEÃO 1 - Não são da nossa safra!
- PEÃO 3 - (SENTINDO-SE TOCADO) E voces, não tão cansado?
- LAUTÉRIO - É, cansado eu tô. Quem quizé que vá deitá... eu cantando é que descanso. (ABRE A GAITA E CANTA UMA MÚSICA DO FOLCLORE PAMPEANO, LOGO APÓS, REINICIA A ESTÓRIA DO CHIMANGO)

Aos poucos foi o Chimango  
Se prepassando a carancho,  
(A LUZ CONCENTRA-SE NELE)  
Ia fazendo o seu gancho  
E arranjando o seu farnel  
À sombra do coronel,  
Caladinho e sem desmancho.

C E N A XX

O CHIMANGO ESTÁ ATIÇANDO UM FOGO, ONDE ASSA UMA ESPIGA DE MILHO. ENTRA O CORONEL. PORTA UM LAÇO, UMA BOLEADEIRA, SEU REBENQUE E UM MARCADOR DE GADO.

CORONEL - Chimango ?

CHIMANGO - (SURPRESO)

Um milho assado, padrinho?

(NÃO OBTENDO RESPOSTA, PEDE-LHE A BENÇÃO)

Abemção, padrinho!

CORONEL - Esse fogo vem bem a calhar

Pro que tenho que te falar.

(ESTENDE-LHE O MARCADOR)

Coloca o marcador pra esquentar!

P A U S A

Escuta, rapaz,

Vais ser o meu capataz;

Mas, tem uma condição:

(ATIRA O REBENQUE AO CHIMANGO)

As rédeas na minha mão,

Governando por detrás.

Eu não quero ir mais ao campo,

Já estou ficando grisalho;

(ATIRA-LHE A BOLEADEIRA. O

CHIMANGO SE ENREDA NOS ELEMENTOS)

Porém, deixando o trabalho,

Sou sempre o dono da casa.

Tu vais recolhendo a vaza,

Eu manejando o baralho.

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010



(O CORONEL RI DA INCOM-  
PETÊNCIA DO CHIMANGO)

Sei que tu és maturrango,  
Porém, dou-te a preferência.  
Nisto está minha ciência,  
Escolhendo-te entre os outros;  
Eles sabem domar potros,  
Mas, tu tens a obediência.  
(ATIRA O LAÇO AO CHIMANGO)

Toda a minha gente é boa  
Pra parar bem um rodeio,  
Boa e fiel, já lo creio,  
Mas, eu procuro um mansinho,  
Que não levante o focinho  
Quando eu for meter-le o freio.

(O CHIMANGO LAÇA SEU PRÓPRIO  
PESCOÇO. PASSA A PONTA AO CO  
RONEL. ESTE GIRA O LAÇO COMO  
QUEM EXERCITA UM CAVALO)

Quero que me sirvas bem  
E não me estragues o povo.

És ainda muito novo,  
Pode que te desconheçam;  
Pra que todos te obedeçam,  
Eu te vou por um retovo.

(TIRA DO BOLSO UM TORRÃO DE  
AÇÚCAR. O CHIMANGO VAI, DE-  
PRESSA, COMER NA SUA MÃO)

O retovo são conselhos  
E normas de proceder,  
Que tu precisas saber  
E conhecer bem a fundo.  
Todos vivem neste mundo,  
Mas, poucos sabem viver.

Eu podia tomar outro  
Pra encarregar das prebendas;  
Mas, pra evitar contendas  
E que briguem por engodos,  
(O CORONEL PUXA O CHIMANGO  
PELO LAÇO ATÉ PRÓXIMO DE  
SEU ROSTO)

Pego o mais fraco de todos;  
E assim quero que m'intendas.  
(AFASTA-O BRUSCAMENTE)

Me passa o marcador!  
(O CHIMANGO OBEDECE. O CORO-  
NEL MANUSEIA O MARCADOR. DEI-  
XO-O EM DESTAQUE AOS OLHOS DO  
CHIMANGO)

Como é, não vai me pedir a bênção?  
(MOSTRA O MARCADOR. O CHIMANGO, AOS  
POUCOS, COMPREENDE O OBJETIVO DO CO-  
RONEL. OFERECE-SE, POR FIM. O CORO-  
NEL MARCA O CHIMANGO, QUE BERRA DE  
DOR E FELICIDADE.)

C E N A XXI

LAUTÉRIO -

Mandou-o pro Aureliano  
Pardo velho muito antigo,  
Que conservava consigo  
Assim como secretário;  
Espécie de relicário  
De família, muito amigo.

CHIMANGO CHEGA AO CHIQUEIRO DA ESTÂNCIA DE SÃO PEDRO.  
LÁ ESTÁ AURELIANO ALIMENTANDO OS PORCOS. É UM HOMEM MUITO VELHO. USA  
LONGA BARBA BRANCA E VESTE UMA CAPA ESCURA, SUJA DE LAMA E ESTRUME.

CHIMANGO -

(BATE PALMAS)

Seu Aureliano ?

Cá le trago este papel

Com o lacre do coronel.

AURELIANO-

(LENDO)

" Aureliano, amigo velho,

Tu, que és um conhecedor

De como tudo se faz,

Ensina-me a este rapaz

As manhas de governar,

Que ele vai desempenhar

O cargo de capataz.

Vai-lhe ensinando os segredos;

Que ele só conta nos dedos

E não tem nenhuma prática,

Ensina-lhe a tua gramática

Pra desmanchar os enredos."

Cel. Prates

(DIRIGINDO-SE AD CHIMANGO)

Vai entrando, meu menino

Quem aqui entra matungo,

Em pouco tempo de ensino,

Fica surdo pros resmungo.

(O CHIMANGO, COM ALGUMA RE

LUTÂNCIA, ENTRA NO CHIQUEI

RO, EM MEIO AOS PORCOS)

Pra pegar um pescoceiro

Que há sempre algum na tropilha,

Desses que pouco se encilha,

Não precisas ter cansaço;

Que os bobos puxem o laço,

Fica-te tu na presilha.

(CHIMANGO COLOCA EM PRÁTI-

CA O ENSINAMENTO DE AURELI

ANO UTILIZANDO-SE DOS PORCOS)

Quando um erro cometeres

(O que bem se pode dar)

Não deves ignorar

Como se sai da rascada;

A culpa é da peonada;

O patrão não pode errar.

(CHIMANGO ASSIMILA A MÁ-  
XIMA E A REPRODUZ)

Quando vires um peão,

Mesmo o melhor no serviço,

Ir pretendendo por isso

Adquirir importância...

Bota pra fora da Estância,

(CHIMANGO PREPARA-SE PARA

EXPULSAR UM DOS PORCOS A

PONTA-PÉS. AURELIANO ACON

SELHA)

Mas sem fazer rebuliço.

(DISCRETAMENTE ELE CONDUZ

O PORCO PARA FORA DO CERCADO)

A regra é - cabresto curto -

Pra ter tudo nos seus eixos;

Sofreção pelos queixos,

De vez em quando, convém...

Mesmo aos que procedem bem,

Queixa-te dos seus desleixos.

(CHIMANGO DEGLUTINDO TUDO)

Cada qual tem o seu fraco

E também sua pereva,

É por aí que se os leva,

Mas, sem dar a perceber;

Está tudo em se meter

Com jeito o porco na ceva.

(ELE ACARICIA UM PORCO ALIMENTANDO-O COM OUTRA INTENÇÃO)

Predominar sobre todos,  
E mandar com muito arrojo;  
Da adulação não ter nojo,  
E tirar dela partido.

Fica disto convencido:

Quem ordenha bebe o apoio.  
(O PORCO SE ROÇA NAS PERNAS DO CHIMANGO. ELE FICA EXCITADO E SERVE-SE DO SUINO. O AURELIANO CADA VEZ MAIS EMPOLGADO)

Não percas isto de vista;  
C'os cotubas ter paciência,  
C'os fracos muita insolência,  
Com milicos muito jeito;  
Não ter amigos - do peito;  
Nisto está toda a ciência.

(APÓS O ATO CHIMANGO ESTIRAR-SE SOBRE O ESTERCO ALIVIADO)

Dizem que não crer é bom,  
Pra quem ser forte deseja;  
Mas tu deves ir à igreja  
Bater nos peitos também;  
E te fará muito bem  
Pedir que ela te proteja.

(CHIMANGO BENZE-SE UTILIZANDO A LAMA COMO ÁGUA BENTA)

Tu vais receber a Estância  
E dirás a toda a gente





Que tu és lugar-tenente,  
Que vais mandar como dono;  
(ELE ESTUFA O PEITO. AURELI-  
ANO PREVINE)

Mas não penses que este abono  
Seja moeda corrente.

(ELE CONTROLA-SE. PASSA A  
ENSAIAR ATITUDES DE CAPA-  
TAZ.)

Conhece bem teu papel,  
Não largues da mão o prumo;  
Por ti só não dês o rumo,  
Não resolves por ti só;  
Tu carregas o bocó

E o dono é quem pica o fumo.  
(CHIMANGO EXERCE SUA FORÇA  
DE CAPATAZ SOBRE OS PEÕES IM  
PROVISADOS)

E pra te conservares,  
Tu que na lida inda és grego  
E desfrutares o emprego  
Sem barulho e sem tropel...

(O CHIMANGO VAI SAINDO LEVA-  
DO PELOS PORCOS. O NOVO SE -  
NHOR DE UMA INSÓLITA COMITI-  
VA. AURELIANO DÁ SEU ÚLTIMO  
ALERTA)

Cuidado com o coronel,  
Não pises fora do rego."

(O FOCO DE AURELIANO É  
TRANSFERIDO PARA LAUTÉRIO)

C E N A XXII



LAUTÉRIO -

Deste modo é que o Chimango,  
Que não valia um cigarro,  
Foi tirando o pé do barro  
C'uma potra nunca vista  
E alevantando a crista,  
Puxando grosso o pigarro.

UMA CENA SOMBRIA MOSTRA A CERIMONIA DE INICIAÇÃO DO CHIMANGO AO POSITIVISMO. SEU COMPROMISSO DE FIDELIDADE. AS MÃOS POSTAS SOBRE O TESTAMENTO DE AUGUSTO COMTE. O ATO CULMINA COM A ENTREGA DO LENÇO VERDE QUE SEMPRE LHE CINGIRÁ O PESCOÇO DE AGORA EM DIANTE.

C E N A XXIII

LAUTÉRIO -

Ou por sorte, ou por feitiço,  
Ou capricho do destino,  
O certo é que o teatino  
Tornou-se enfim um graúdo,  
Chegando a abocanhar tudo,  
Tornando-se um pente fino.

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90000

OS PEÕES, RECOLHIDOS NO GALPÃO, DORMEM. UM DELES SONHA. SONS ESTRANHOS PERMEIAM A CENA. OS MOVIMENTOS SÃO LENTÍSSIMOS. APARECE O CHIMANGO, FEITO MARIONETE, LIGADO POR CORDÕES AO CORONEL PRATES. OS PEÕES, SENTINDO-SE AMEAÇADOS, PÕEM-SE NA DEFENSIVA. INVESTINDO CONTRA UM DELES, O CHIMANGO, COM O FACÃO, ARRANCA-LHE O BIGODE. O PEÃO CHORA.

PEÃO -

(SONHANDO EXCLAMA)

Nós ~~temo~~ honra!

SACANDO DE UMA FACA O PEÃO INVESTE CONTRA O AGRESSOR. É MORTO COM O FACÃO. O PEÃO QUE SONHA GEME. CONTINUA A CHACINA. CHI-

MANGO ESCOLHE OUTRA VÍTIMA. O PEÃO ESCOLHIDO ACOVARDA-SE, HUMILHA-SE E PEDE CLEMÊNCIA. O CHIMANGO POUPA-LHE A VIDA EM TROCA DE OUTRO PEÃO. COM A AJUDA DO COVARDE, ESTE É SUBJUGADO. CHIMANGO ARRANCA-LHE O LENÇO VERMELHO, ESTRAÇALHA-O E DEVORA OS PEDAÇOS. DEGOLA O PEÃO E A SEGUIR EXECUTA O TRAIADOR. OS DOIS ÚLTIMOS PEÕES ENFRENTAM A MORTE HEROICAMENTE. O CHIMANGO DIRIGI-SE A ELES.

PEÃO - (SONHANDO GRITA)

De peito aberto, bagual!

ENQUANTO A IMAGEM DO CORONEL E DO CHIMANGO VAI DISSIPANDO-SE, O PEÃO QUE SONHAVA ACORDA.

PEÃO - (SOBRESSALTADO)

Laus' Sus' Cris'!

(OS DEMAIS PEÕES TAMBÉM DESPERTAM ALARMADOS.)

PEÃO 1 - Barbaridade!

PEÃO 2 - Que gritaredo é esse?

PEÃO 3 - Que foi que houve?

PEÃO 4 - Chô-égua!

PEÃO - (NARRA O PESADELO )

Parece obra do danado!

O medonho de um pesadelo,

Me arrepiou de pelo a pelo.

Chimango era o ordenança,

Quem procedia a matança.

Sangue que nem enxurrada

Enxovalhava a Estância,

E o Coronel na retaguarda

De seu homem de confiança.

PEÃO 1 - Te assossega chê!

PEÃO 2 - Isto é noite mal dormida!

- PEÃO 3 - (INCRÉDULO)  
Aquilo, ordenança da gente!?
- PEÃO 4 - Se nem é home pra briga!
- PEÃO 5 - Nem te alvorota, vivente!
- PEÃO 1 - O Coronel confia o alazão  
Só aos guasca do galpão!
- PEÃO 2 - (REVOLTADO)  
Eu não me ia à cavalo,  
Sem le passar um pealo!
- PEÃO 3 - (INCONFORMADO)  
Se ele varasse esta porta,  
Saia tinindo de guampa torta!
- PEÃO 4 - (BRAVATEANDO)  
Que me apareça ele agora,  
E eu faço cantar as espora!

COM OS ANOMOS EXALTADOS, NEM PERCEBEM QUE O CORONEL ACOMPANHADO DO CHIMANGO CHEGOU E ESTAVA A OBSERVA-LOS .

- CEL.PRATES - (AOS PEÕES)  
Que alarido é este,  
Rompendo com a madrugada?  
Quero é ver esta peonada  
disposta assim, no trabalho.  
(OS PEÕES SEM CORAGEM DE EN  
CARAR O CORONEL, VÃO MURCHAN  
DO)  
Mas aproveito este atalho,  
Meu assunto é curto e grosso:  
O Chimango, com meu endosso,  
Vai ser o meu capataz.  
Alguém não se satisfaz?



(NINGUÉM SE MOVE PARALISADOS PELO MEDO)  
Que se faça então os apronte.  
Chimango, tome o reponte!  
(O CHIMANGO EMPINADO, APROXIMASE DOS PEÕES GESTICULANDO COM AUTORIDADE)

C E N A XXIV

NA RONDA, TODOS AO REDOR DO FOGO, ESCUTAM A MILONGA ENTOADA POR LAUTÉRIO E O PEÃO 1.

LAUTÉRIO -

(CANTANDO)

O povo é como boi manso  
Quando novilho atropela  
Bufa, pula, se arrepela,  
Escrapeteia e se zanga;  
Depois vem lambar a canga  
E torna-se amigo dela.

PEÃO 1 -

(CANTANDO)

Hôme é bicho que se doma  
Como qualquer outro bicho;  
Tem as vezes, seu capricho,  
Mas logo larga de mão,  
Vendo no cocho a ração  
Faz que não sente o rabicho.

(REPETEM AS ESTROFES, NUM IMPROVISADO, DESCOBRINDO NOVOS SIGNIFICADOS)

LAUTÉRIO -

O povo é como boi manso

PEÃO 1 -

Hôme é bicho que se doma

LAUTÉRIO -

Quando novilho atropela

PEÃO 1 - Como qualquer outro bicho;  
LAUTÉRIO - Bufo, pula, se arrepela,  
PEÃO 1 - Tem as vezes seu capricho,  
LAUTÉRIO - Escrapeteia e se zanga;  
PEÃO 1 - Mas logo larga de mão,  
LAUTÉRIO - Depois vem lambar a canga  
PEÃO 1 - Vendo no cocho a ração  
LAUTÉRIO - E torna-se amigo dela.  
PEÃO 1 - Faz que não sente o tirão.  
(A PEONADA FICA A MATUTAR  
SOBRE O QUE OUVIU)

LAUTÉRIO - Também c'o aquela mudança,  
Ninguém notou diferença.  
Ficaram todos na crença  
Que o dono é quem dirigia;  
O que o Chimango fazia  
Dependia de licença.

Tinha as penas de pavão,  
Mas não passava de galha,  
Era figura de palha  
Para espantar passarinho;  
Armação de pau de pinho  
Que nem serve pra cangalha.

Foi assim como les conta,  
Neste fogão, junto ao rio,  
Quem muita coisa já viu  
Quer na guerra, quer na paz;  
Chimango foi capataz  
Por muitos anos a fio.



NOITE ESCURA. NENHUMA ESTRELA NO CÉU. DE REPENTE, UM RUÍDO ASSUSTA A BOIADA. DÁ-SE O ESTOURO. BARULHO DE ASPAS BATENDO NA ESCURIDÃO, TROPEL DE PATAS, GRITOS DA PEONADA TENTANDO CONTER O GADO. PANOS SOBRE O ELENCO FORMAM VOLUMES QUE SUGEREM UMA BOIADA. SURGEM OS TROPEIROS PORTANDO LAMPIÕES, NUMA CAVALGADA COREOGRÁFICA EM MEIO A SONS E MÚSICA.

ATORES -

(CANTANDO DE FORA)

Nas trevas da negra noite  
O gaúcho destemido  
Corre, seguindo o ruído,  
Sem medo ou temor da morte;  
E vai, sem rumo e sem norte,  
Guiado só pelo ouvido.

Não tem que esperar socorro  
Naquele imenso perigo;  
No cavalo tem o amigo  
Em quem se pode fiar  
E, no mais, é atropelar,  
Contando apenas consigo.

Des que a tropa dá o estouro  
Não tem que fazer mais conta,  
É ter a decisão pronta,  
Bater na marca sem susto,  
Até que, com muito custo,  
Consiga chegar à ponta.

Nisto é que está o busilis,  
Que não depende de ensino:  
Saber tomar um destino

E não se apertar no apuro,  
Poder guiar-se no escuro  
E nunca perder o tino.

TROPEIROS - Volta ! Volta ! Volta!

C E N A XXVI

NA MANHÃ SEGUINTE O PEÃO 1 VIGIA O ACAMPAMENTO. ENTRA O ÍNDIO.

- ÍNDIO - Nas estância que dei rodeio... não encontrei nada. E vocês ?
- PEÃO 1 - Nada também. Revisamo cabeça por cabeça. Nenhuma tinha a marca do coronel.
- ÍNDIO - Larguei o piá a fazer ronda com o Claudionor... o gado ainda está muito arredio. (ENTRA O PEÃO 2) Entonces ?
- PEÃO 2 - Praqueas bandas, nada dos desgamados. Nesses, tá feita cruz na marca.
- PEÃO 1 - Deus nos livre!
- ÍNDIO - Com uma falta dessas o coronel nunca mais nos confia uma tropa.
- PEÃO 2 - Logo agora, no fim da viagem, é que foi se dá o estouro.
- ÍNDIO - Tudo por causa d'um matungo alvoroçado.
- PEÃO 1 - Deve tê se assustado com alguma cousa.
- PEÃO 2 - Eles parece enxergá mais que a gente.
- PEÃO 1 - E se não fosse meu cavalo... não sei o que seria naquela escuridão.
- PEÃO 2 - Um tropeiro sem um bom cavalo...(ENTRA O LAUTÉRIO)
- LAUTÉRIO - Qual é a falta que tem ?
- ÍNDIO - O capataz falô trinta.
- LAUTÉRIO - Pois já não falta nenhum.
- PEÃO 2 - (SURPRESO) Te explica, Lautério!
- LAUTÉRIO - Não é que encontrei os trinta lá pras banda do riacho seco! (REAÇÕES DE CONTENTAMENTO) Mas, cadê o capataz ?
- PEÃO 1 - Foi acertá a encerra do gado na invernada do Maneca Vintém.



ÍNDIO - ...aquele tira até o pelego de um pobre necessitado!  
(A LUZ MUDA PARA OUTRA CENA)

C E N A XXVII

NA PORTEIRA DA INVERNADA ESTÃO O GALEGO E O CAPATAZ  
ACERTANDO O PREÇO DA ENCERRA.

MANECA VINTÉM - 500 reis.

CAPATAZ - Por uma noite de encerra ?!

MANECA VINTÉM - Mas é uma invernada muito segura, toda cercada de pedra.  
Cá entre nós, me custou uma fortuna! Cabe mais de mil  
rezes.

CAPATAZ - Decerto... mas ainda assim é mui puxado.

MANECA VINTÉM - Neste preço não contei o pasto e a aguada. 'Stou até  
pensando em aumentar, pois mandei construir os cochos,  
o sal está tão caro...

CAPATAZ - Pois é, seu Maneca, quem sabe o senhor tira o sal, e...

MANECA VINTÉM - Decida-se logo, pois a noite não tarda, os pobrezinhos  
dos bois não beberam nada ainda, o riacho mais próximo  
fica daqui a mais de três léguas e outra mangueira a  
dois dias e meio daqui.

CAPATAZ - Eu sei, mas...

MANECA VINTÉM - Uns homens fortes como esses devem estar precisando de  
descanso, uns trago de cachaça, um bom fumo de rolo  
também tenho no bolicho.

CAPATAZ - Tamo em fim de viagem... Dinhero curto...

MANECA VINTÉM - (FINGINDO VER ALGO AO LONGE) Estou a ver uma polvadeira  
lá adiante. Acho que é a tropa que estou a esperar para  
amanhã...

CAPATAZ - Tá bem, trago a boiada antes da noite. (VAI SAINDO)

MANECA VINTÉM - (IMPEDINDO) Pagamento agora. (O CAPATAZ PAGA) Até mais  
no bolicho! (A LUZ DIRIGE-SE PARA A CENA SEGUINTE)

É NOITE. OS TROPEIROS ESTÃO REUNIDOS NO BOLICHO DO MANECA VINTÉM. O CAPATAZ EM UM CANTO COM UMA CHINA. LAUTÉRIO, MEIA AFAS- TADO, SOLITÁRIO COM A SUA GAITA. O GALEGO ATRÁS DO BALCÃO ORIENTA A OU TRA MULHER. OS DEMAIS RODEIAM A CANCHA ONDE O PIÁ E O ÍNDIO JOGAM O OS SO. O PEÃO 1 FAZ AS VEZES DE COIMEIRO.

- ÍNDIO - (ATIRA O OSSO) Suerte !
- PIÁ - (APÓS JOGAR) Suerte!
- ÍNDIO - Dobro a aposta.
- PIÁ - Tá disposto a ficá sem poncho ? (O ÍNDIO ACEITA O DE SAFIO)
- PEÃO 1 - Então, bota aqui a parada.
- ÍNDIO - (JOGA) Culo!
- PIÁ - É agora, índio ! (JOGA) Suerte !
- ÍNDIO - Eta, piazzito de merda!
- PIÁ - Vamo lá, que o trago é por minha conta. (DIRIGE-SE COM O PEÃO 1 ATÉ O BALCÃO. O PEÃO 2 E O PEÃO 3 PREPARAM - SE PARA JOGAR)
- ÍNDIO - (CHEGANDO-SE A UMA CHINA) Buenas...
- PIÁ - Maneca, bota uma pra gente. Das boa!
- MANECA VINTÉM - Esta é a melhor das redondeza.
- PIÁ - Quanto pago ?
- MANECA VINTÉM - 30 pratas.
- PIÁ - Amâncio, o dinheiro que ganhei não dá nem pra uma rodada.
- PEÃO 1 - Vá te acostumando tropeiro... dinheiro, só pro bucho e mais nada!
- PEÃO 2 - (JOGANDO) Culo !
- PIÁ - Vida triste esta... Andando por essas estradas... o dia inteiro em marcha.
- PEÃO 1 - E nem água pra se beber... mesmo a custa de dinheiro.

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
 Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010

- PEÃO 3 - (JOGANDO) Culo ! (O ÍNDIO PEDE DINHEIRO AO CAPATAZ E SE AFASTA COM A CHINA)
- PEÃO 1 - Antes tropeá sem poncho pela geada, que se metê nesse inferno de cerca que não se acaba mais.
- PIÁ - Com isso o governo não se importa.
- PEÃO 2 - (JOGANDO) Culo !
- MANECA VINTÉM - O governo tem função mais nobre a desempenhar. Gente pra qualificar ... os preparos da eleição.
- PIÁ - O tropeiro que se dane ou mude de profissão!
- PEÃO 3 - (JOGANDO) Culo !
- PEÃO 2 - Melhor deixá o jogo... que a sorte nos largô de mão.
- PEÃO 3 - Serve um gole pra espantá as mágoa. (O AMBIENTE DO BOLICHO PESA. CADA UM SE VOLTA PARA DENTRO DE SI MESMO. O ÍNDIO, MEIO BÊBADO, APROXIMA-SE DO BALCÃO, ACOMPANHADO DA CHINA.)
- ÍNDIO - (ROMPENDO O SILÊNCIO) Mas isto 'stá mui triste, com cara de cemitério. Não é pra rezá por defuntos que viemo aqui.
- PEÃO 2 - Que le parece, Lautério ?
- LAUTÉRIO - (APROXIMANDO-SE)  
Que vances querem a história  
E pensam qu'inda sou frango.  
Eu por isso não me zango  
Porque gosto de cantar.  
Mesmo é preciso acabar  
A história do tal Chimango.  
(LUZ CONCENTRADA EM LAUTÉRIO)  
Um dia, ..., ansim de repente,  
Esta notícia correu:  
- O coronel Prates morreu!  
A muitos custava a crer;  
Como havia de morrer,  
Se ele nunca adoeceu?

Toda a Estância de S. Pedro  
Ficou como atordoada.  
Se há morte que foi chorada  
Devia de ser como aquela.  
(O FOCO É TRANSFERIDO PARA  
O VELÓRIO DO CORONEL)



C E N A XXIX

O PRANTO EXAGERADO DAS REZADEIRAS EMOLDURA O AMBIENTE E DENUNCIA A FARSA. NA CÂMARA ARDENTE JAZ O CORONEL PRATES. SEU ATAÚDE É SUSTENTADO POR QUATRO TOCHEIROS. AS TOCHAS ACESAS NA MÃO DE ESTÁTUAS DE GAÚCHOS DE BRONZE. PERTO DA ENTRADA, O LIVRO DE PRESENCAS. O CHIMANGO INTERROMPE O CHORO DAS MULHERES, DÁ NOVAS INSTRUÇÕES, COMANDA O CERIMONIAL.

ENTRA A VIÚVA DO CORONEL, PARECE A IMAGEM DA DOR EM SEU LONGO TRAJE NEGRO E NO PESADO VÉU. AS REZADEIRAS VOLTAM A MOSTRAR SEU CHORO LAMENTOSO.

AOS POUCOS CHEGAM OS CAPANGAS E, TAMBÉM, OS ADVERSÁRIOS DO CHIMANGO. ENTRE ABRAÇOS E HOSTILIDADES VAI SE ARMANDO O CLIMA.

CHEGA O JUÍZ PARA PROCEDER A LEITURA DO TESTAMENTO.

JUIZ -

Sentindo que vai chegando  
O lusco-fusco da idade,  
O mal-querido momento  
De abandonar a Querência,  
Na plena luz das idéias  
E, no gozo da liberdade,  
Lavro o meu testamento,  
E, que dele todos tomem tenência  
Do que manda a minha vontade:

Uso da afeição mais pura  
De pai, marido e senhor  
Para rogar à minha esposa,



Sempre plena de amor,  
Que sempre tenha a lembrança  
Dessa lei que em mim repousa:

- Que renuncie à fartura  
Do gozo e uso da herança  
E, desta idéia tão terna,  
Na vida jamais esqueça-  
Só a viuvez eterna  
Impede que a união feneça.

(A VIÚVA DESFALECE E É CARREGADA  
PARA FORA. MURMÚRIOS. LOGO PROS-  
SEGUE A LEITURA)

À peonada mui guapa  
Da minha administração,  
Dou neste testamento  
Prova de gratidão;  
Que 'se' repartam entre si  
O que é de mim - confesso,  
O probo e digno traço:  
O bom costume, a divina moral,  
A virtude sem jaça,  
O trabalho honesto,  
A ordem e o progresso !

Ao Chimango, homem honrado,  
Ordenança de confiança,  
Deixo o que vai transcrito:  
A boleadeira e o laço,  
Dos rebenques, o preferido;  
Botas, bombacha, espora,  
O chapéu de aba-larga  
De barbicacho torcido,  
O poncho meio volteado,  
O meu lenço republicano,  
Marca de um soberano!



Pra que na minha ausência  
A sabedoria desponte,  
Que caiba, de justo ao Chimango,  
A obra de Augusto Comte.

Quanto à Estância de S. Pedro,  
Não a quero dividida,  
Que a peonada decida  
Dentre si o mais sisudo,  
Que este administre tudo  
E, que o resto obedeça!  
(ABRAÇOS CALOROSOS. A OPOSIÇÃO,  
DE OLHO, INTERVÉM)

MARAGATO 1 - O velório tá mui facero.  
Pra que tanto cumprimento  
Se o testamento é luzero?  
(O CHIMANGO OBSERVA, TRANQUILO)

MARAGATO 2 - Mas... eu cá com meus botão,  
Entendo que o palavrório,  
Lavrado e lido no velório  
Do finado aqui velado  
Reza: o destino da Estância  
Seja por todos votado.

CHIMANGO - Que se proceda a eleição...

INICIAM OS PREPARATIVOS PARA A ELEIÇÃO. DISTRIBUIÇÃO DE PLANFETOS E SANTINHOS DO CHIMANGO. AS FAIXAS DA CAMPANHA POLÍTICA TRANSFORMAM O VELÓRIO EM UM FESTIVO COMÍCIO. UMA INSINUANTE "CHIMANGUETE" SERVE MATE E OFERECE BRINDES. COMEÇAM OS DISCURSOS NUM DESAFIO ENTRE O CHIMANGO E A OPOSIÇÃO.

CHIMANGO - (TROVANDO)  
Vá queixar-se pro vigário  
Meu perclero adversário.



A eleição que tu propalas,  
Não me assusta, nem me abala,  
Tenho o aval do meu passado,  
Isto é um fato consumado.

MARAGATO 2 -

Se isto é um fato consumado,  
Tu estás muito enganado,  
Aprimora tua campanha,  
Ou tu dança a meia-canha.  
Boto fé no latifúndio  
E voto em Joca Valderúndio.

CHIMANGO -

Vota em Joca Valderúndio,  
Eu sou mais do minifúndio,  
Vai saindo à trotezito,  
Que o Chimango, aqui, solito  
No progresso topa tudo  
É um campeiro macanudo.

MARAGATO 2 -

Se é um campeiro macanudo,  
Deixa de ser abelhudo  
Larga de conversa mole  
Antes que o povo se amole  
E te esfregue com arueira,  
Pondo um fim na tua carreira.

CHIMANGO -

Um fim na minha carreira  
Vai fuçar na tua cocheira  
Dobra a língua, guampa torta,  
Vai chover na minha horta,  
Voto à voto sou eleito,  
Vamos logo com esse pleito!

MARAGATO 2 -

Vamos logo com esse pleito  
Falo agora do meu geito:

Galo que foge da rinha,  
Vira logo uma galinha  
Que só tem por serventia  
Ficar ciscando em bacia!  
(O CHIMANGO INVESTE CONTRA  
O ADVERSÁRIO. É CONTIDO)

TUDO PREPARADO. SOBRE O CORPO DO CORONEL, A URNA. TODOS DE CÉDULA EM PUNHO, ENTRE PANFLETOS, SANTINHOS E RECUERDOS DO CHIMANGO. COMEÇAM A DEPOSITAR OS VOTOS.

JUIZ - A urna 'stá aberta!  
OPosição 1 - Pra que S. Pedro não vire bibôca  
Voto no heróico Coronel Joca!  
CAPANGA 2 - Pela liberdade e pela paz  
Voto em Chimango - no más!  
OPosição 2 - Pela honra e fortuna,  
Valderúndio na urna!  
CHIMANGO - Pro rincão não ficar a esmo,  
Eu voto agora... em mim mesmo!  
CAPANGA 1 - Pelo progresso desta Estância  
Chimango - sem relutância!  
(DEPOSITA TRÊS VOTOS NA URNA. A  
OPosição ESTREMECE. OS GAÚCHOS  
DE BRONZE VOTAM. OS MARAGATOS  
ENFURECEM.)  
MARAGATO 1 - A urna do povo foi prostituída,  
Nós já estamos de partida!  
MARAGATO 2 - Ao povo ninguém humilha,  
Te esperamos na coxilha!  
(SAEM REVOLTADOS)

OS VOTOS SÃO CONTADOS RAPIDAMENTE. ESTRONDOSA VITÓRIA DO



CHIMANGO. CHUVA DE PAPEL PICADO. UMA FANFARRA ENTRA E CIRCUNDA O MORTO. DEPOIS ARRASTA PARA FORA A MULTIDÃO NUMA GRANDE FESTA. O CHIMANGO, DISCURSA SOLITÁRIO, SOBRE O ATAÚDE DO CORONEL.

CHIMANGO -

(DISCURSANDO)

Conservar melhorando!

A bandeira deste venerável morto,

Seguirá sendo meu seguro porto;

Estarei numa constante comunhão

Com a filha da moral e da razão:

- A sã política, âncora do progresso!

O farol da doutrina que professo,

Aceso por históricos mandantes,

Ilumina o rumo a novos navegantes!

Convicto que o presente é sempre o elo,

Pontilhão entre o passado e o futuro,

Recebo o Patrimônio e asseguro

Que à luz da fé republicana me atrelo.

Como novo timoneiro que assume

A Nau, por este Nume comandada,

Eu, da pele dele a minha pele faço;

E no verso e no reverso deste abraço,

Marulha, imperativo, a meus ouvidos

O eterno hino desse deus alada:

" Serão os vivos sempre

Pelos mortos governados! "

OLHA PARA OS LADOS. NINGUÉM. APENAS ELE E O DEFUNTO. NUM GRASNADO, REVELA-SE O ABUTRE. VAI DEVORANDO A CARNIÇA. A CABEÇA, OS BRACOS E POR FIM O TRONCO DO CORONEL. DEPOIS, FUNDE SEU CORPO AOS RESTOS, COMO SE VESTISSE AS LONGAS PERNAS DE PRATES. NESTA FUSÃO ELE CRESCE. LEVANTA-SE E TENTA, DESAJEITADAMENTE, SE HABITUAR AO NOVO CORPO E TAMANHO. TROPEÇA PARA FORA DE CENA.



VOZ DE LAUTÉRIO - Antigamente, da Estância  
 Um certo José Turuna  
 Pra outros pagos tinha ido  
 Morar nos campos da Tuna.  
 (ENTRA TURUNA PORTANDO UM  
 BUQUÊ DE FLORES. AO VER O  
 ATAÚDE VAZIO, DEIXA CAIR  
 O RAMALHETE ASSUSTADO. MAS  
 LOGO SE PÕE A MATUTAR)  
 Sobre a estância de S. Pedro  
 Fundava grande esperança  
 De a receber por herança,  
 Por morte do coronel;  
 Mas, sem fazer arranzel  
 Deu outro jeito na dança.

CHIMANGO VOLTA, AGORA MAIS SEGURO DE SUA NOVA ESTATURA.  
 O TURUNA OLHA ADMIRADO E COM CERTO ORGULHO. O ATAÚDE TRANSFORMA-SE EM  
 UMA GRANDE CADEIRA. OS DOIS SE DEFRONTAM. LUTAM PELA CADEIRA. FINALMEN-  
 TE TURUNA ASCEDA. CHIMANGO SENTA-SE. TURUNA MASSAGEIA-O, POR TRÁS, ATÉ  
 COLOCÁ-LO EM SEU DEVIDO LUGAR, MANTENDO SUA SUPREMACIA. ESCURECIMENTO.

LAUTÉRIO - Quem nasce pra ser mandado  
 Já traz marca na picanha;  
 E não dança a menha-canha  
 Sem que outro tóque a viola;  
 Sempre a cabresta e na cola;  
 Andar só é que ele estranha.

LAUTÉRIO - Entre os dois fizeram vaca  
 No jogo co'a peonada



E tendo a sorte escorada  
Um em S. Pedro, outro em Tuna  
Mas, afinal, o Turuna  
Foi quem ficou co'a parada.

DEPOIS DE MUITO TEMPO. CHIMANGO E TURUNA, NUM REENCON-  
TRO, CONVERSAM À FRENTE DA CASA DA ESTÂNCIA DE SÃO PEDRO.

CHIMANGO - Passe pra cá, Turuna!  
Vamos matear no avarandado  
Que o dia foi um tanto puxado.

TURUNA - Aceito de mui bom grado.  
A teu lado descortino  
O verde desses campos,  
A leve brisa vespertina,  
A largueza dos poteiros,  
(NUM DELÍRIO NOSTÁLGICO)  
O luzir dos pirilampos,  
O calor dos braseiros,  
As derradeiras libélulas  
De asas de madrepérolas,  
E o mavioso rouxinol...

CHIMANGO - (INTERROMPE O DEVANEIO)  
Tchê, teu poncho se foi pro chão!

TURUNA - (RECOMPONDO-SE)  
Que poncho?  
(VENDO O PONCHO CAÍDO A SEUS PÉS)  
Oh, céus, meu cachecol!

PAUSA

CHIMANGO - Mas então, velho tropeiro,  
Que tal este fazendeiro ?  
Que te parece a querência ?

TURUNA - Sempre a mesma opulência,  
Bela e próspera como outrora!

(SAUDOSO)

Quem dera o Prates a visse agora!

CHIMANGO - " O olho do patrão engorda o gado."  
É o princípio que tenho adotado.

TURUNA - (VENDO UM TOURO QUE PASTA)

Basta ver aquele tourito brasino.

CHIMANGO - É o que de melhor tenho na Estância,  
Cobre tudo que é vaca.

(IRÔNICO)

Este é macho genuíno!

TURUNA - (REFERINDO-SE AO ANIMAL)

Chimango, que abundância!

(TENDO UMA IDÉIA)

Parto amanhã, penso num recuerdo...

CHIMANGO - Ia le deixar sem agrado ?

Já apartei um alazão bragado!

TURUNA - Aceito. E até acho inteligente,

Mas a intenção é mais abrangente.

CHIMANGO - (NÃO ENTENDENDO REFORÇA A SUA OFERTA)

Como não há galo sem espora,

Te dou umas de prata agora!

TURUNA - (NUMA REFERÊNCIA AOS CORRELIGIONÁRIOS DA TUNA)

Tu bem conheces a cartilha.

E como se comporta a matilha.

Me interessa mesmo este torito.

CHIMANGO - (CONTRARIADO)

Vai me deixar as vacas abatidas!

TURUNA - (SORRINDO AMARELO)

Não te assusta, vem a contrapartida.

PAUSA

CHIMANGO - Bonifácio, traz o laço!

Antão, vem com o facão!

Sacrifica o touro!



TURUNA - Não quero prejuizo no couro!  
(COCHICHA ALGO NO OUVIDO DO PEÃO  
QUE, MEIO ESPANTADO, EXECUTA A  
ORDEM. CASTRA O TOURO. ENTREGA -  
LHE O ESCROTO. TURUNA, POR SUA  
VEZ, OFERTA A BOLSA CONTENDO OS  
TESTÍCULOS DO TOURO AO CHIMANGO,  
COMO VALIOSA PRENDA. CHIMANGO SE  
ILUMINA.)

LAUTÉRIO - O Chimango derreteu-se,  
Encheu de vento o bandulho,  
Empanzinado de orgulho  
Por ter aquela coluna  
Pra garantir-lhe a fortuna  
E evitar qualquer barulho.

C E N A XXXII

LAUTÉRIO - Os anos foram passando  
E o Chimango no poleiro,  
Combinado c'o parceiro  
E sem mais ouvir conselho,  
Foi levando tudo a relho  
Sem resistência e folheiro.

MUITOS ANOS MAIS TARDE. UMA ATMOSFERA MEDIEVAL ENVOLVE O  
AMBIENTE. SENTADO NUM TRONO, O CHIMANGO TEM SUA ATENÇÃO DESDEERTADA POR  
FIRMINO QUE ENTRA.

FIRMINO - (NUMA REVERÊNCIA)  
Senhor, Firmino pede licença!  
CHIMANGO - Já vem me encher a paciência?  
FIRMINO - Algo de estranho acontece;

Gente e mais gente aparece,  
Brotando de todos os pontos.  
Não é, senhor, um espanto?

CHIMANGO -

(NUM SOBRESSALTO)

Camponês? Corre Firmino!  
Vai, suspende a levadiça,  
A fome dos leões atija...

FIRMINO -

(INTERROMPE A SUCESSÃO DE ÓRDENS)

Se me permitir altezia,  
Antes de soar o ataque,  
Guardo primeiro a linguíça,  
As gordas mantas de charque  
E os sacos de erva mate

(RUÍDOS DE FORA)

CHIMANGO -

(FURIOSO)

Dispara até as muralhas,  
Despeja nos canalhas  
Os caldeirões fúmegantes  
Com os óleos escaldantes!

(AUMENTAM OS RUÍDOS)

Anda, lombo de zebú!

Lá (APONTA) ferrolho nas entradas,  
Aí, tranca nas janelas,  
Circunda sem caracú!

(FIRMINO DESNORTEADO EXITA  
SOBRE QUAL ÓRDEM ATENDER  
PRIMEIRO. CORRE ATÉ A POR  
TA. NÃO CONSEGUE DETER TRÊS  
CAMPONESES QUE INVADEM O RE  
CINTO.

FIRMINO -

(EXPULSANDO OS DEMAIS)

Para trás, para trás!

(PRAGUEJA) Satanás!

CAMPONESES - (AOS PÉS DO CHIMANGO)  
Ave, oh grão caudilho!

CHIMANGO - (NERVOSO)  
Ave! Ave! Ave! ...  
(AO FIRMINO)  
Viu, filhote de zorrilho,  
Começaram os mugidos!  
(FIRMINO BAIXA A CABEÇA  
COMO A DESCULPAR-SE)

CAMPONES 1 - Curvado a seus pé ungidos,  
Depomos os frutos colhidos  
Nos redutos dessa Estância.  
Aceite, oh nobre Senhor,  
O tributo da abundância  
Desse honrado agricultor!

CHIMANGO - Que me trazeis, hereges?

CAMPONES 1 - (MOSTRANDO O PRODUTO)  
Veja, que arroz, Eminência!  
Orgulho da querência!

CAMPONES 2 - Batata inglesa como esta,  
Só fazendo promessa!

CAMPONES 3 - Aqui, o mais saboroso feijão,  
Oferta digna a um bretão!

CHIMANGO - (EXPLODE NUMA GARGALHADA)  
(FIRMINO O IMITA)  
Batatinha quando nasce,  
Se esparrama pelo chão,  
O feijão que semeastes,  
Eu acabo com o facão!  
(NOVO ACESSO DE RISOS)  
Firmino, toque o berrante,  
Vai começar a bacante!  
(FIRMINO TOCA O INSTRUMENTO)  
Quero ver os três bem degolados,

Cabeça pra tudo que é lado!  
(FIRMINO INVESTE CONTRA OS  
CAMPONESES QUE PEDEM CLEMÊNCIA)

FIRMINO -

Desobedeça o meu patrão,  
Que eu te arranco o coração!  
(DECEPA A CABEÇA DE UM DOS CAM-  
PONESES E A MOSTRA, ORGULHOSO  
AO CHIMANGO)

CHIMANGO -

E a partir deste momento,  
Não se plante mais um grão:  
Batata, arroz, nem feijão;  
E quem plantar, já pro sol!  
Vai quarar feito lençol!

FIRMINO -

(COM O TROFEU AO ALTO)  
Batatinha quando nasce...  
(GARGALHADAS, ESCURECE RA-  
PIDAMENTE)

LAUTÉRIO -

Pobre Estância de S. Pedro  
Que tanta fama gozaste!  
Como assim te transformaste  
Dentro de tão poucos anos,  
De destinos tão tiranos  
Não há ninguém que te afaste!

Na mão do triste Chimango  
O arvoredado está no mato;  
O gado é só carrapato.  
Naqueles campos de lei,  
Onde o gaúcho era rei  
E agora é negro surrado.



LAUTÉRIO - E tudo mais em S. Pedro  
Vai morrendo, pouco a pouco,  
A manotaços e a soco  
Rolando para um abismo;  
Pois c'o tal positivismo,  
O homem inda acaba louco.

SURGEM AGRICULTORES, TROPEIROS, TRABALHADORES, NUMA FUGA DESESPERADA. TRAZEM SEUS POUCOS PERTENCES. DEPOSITAM TUDO EM UM LOCAL SEGURO. TOMADOS PELO MEDO, VIGIAM TODAS AS ESTRADAS E ATALHOS. UMA MÚSICA CELESTIAL VAI AOS POUCOS PENETRANDO NO AMBIENTE. CONDUZIDA EM UM ANDOR POR QUATRO ANJOS, VEM A ANGELICAL FIGURA DE CLOTILDE. COM O MENINO NOS BRAÇOS, ELA LEMBRA EM TUDO A SANTA MADONA.

ANJOS POSITIVISTAS - (NUM CANTO GREGORIANO)  
Ave, Clotilde,  
Del Sommo Padre sposa,  
Che udisti già pietosa  
Sue dolente cor;  
Com lui donnasti al mondo  
Il frutto più fecondo  
Del più profondo amor,  
Santa Clotilde,  
Per tua alta virtù,  
Accogli nel tuo petto  
Il nostro immenso affetto,  
La nostra gratitudine.

Amem.

(APESAR DE FASCINADOS COM A VISÃO DA SANTA, OS TRABALHADORES CONTINUAM A VIGIAR SUAS COISAS)

SANTA CLOTILDE - (FALA COM GRANDE SENSUALIDADE)  
Je viens, em nombre de mon bien-aimé,  
Reprendre la philosophie positiviste



Fondé sous mon angelique inspiration.

(OS HOMENS NÃO ENTENDE O QUE ELA DIZ)

Je demande qu'on édifie ici un Temple  
De l'Humanité.

(ELES COMEÇAM A FICAR INCRÉDULOS)

L'Amour por principe; et l'Ordre pour baze;  
Le progrès pour but.

(BUSCAM PROTEGER AINDA MAIS SEUS BENS)

OS ANJOS VÃO LENTAMENTE BAIXANDO O ANDOR. CLOTILDE VAI  
DESNUDANDO-SE DAS VESTES SACRAS E TRANSMUTA-SE EM UMA MULHER PROVOCAN-  
TE E SENSUAL. DESCE DE SEU ANDOR. ENQUANTO CANTA UM ERÓTICO TANGO DE  
CABARÉ FRANCÊS, DANÇA LASCIVAMENTE ENTRE OS HOMENS.

SANTA CLOTILDE - (COM VOZ MUITO SENSUAL)

Je nais pour être aimée: oh! merci, bon destin!  
Que les puissants mortels contre toisse déchaînement!  
Aux pieds de tes autels que les vents les entraînent,  
J'ai mes parfums et mon matin.

(OS HOMENS VÃO SENDO ENVOLVIDOS POR CLOTILDE)

Jamais le froid mortel ne doit tarir ma vie;  
Au sein des voluptés doucement je m'endors:  
La nature me garde et me rend ses trésors;  
A son banquet d'amour je m'éveille ravie.

(ESQUECEM DE GUARDAR SUAS ÚLTIMAS RIQUEZAS.

ELA APROVEITA-SE DO DESCUIDO E VAI, ADS POU-  
COS, LEVANDO TUDO PARA O ANDOR)

O doux destin, si les soupirs profanes  
Deutes décrets pouvaient changer le cours,  
Seule ici-bas, dans mes langes diaphanes,  
Je renaîtrais au souffle de amours.

UM HOMEM TENTA BEIJÁ-LA. ELA AFASTA-O BRUSCAMENTE.

ELES PERCEBEM O ENGODO. OS ANJOS TRANSFORMARAM-SE EM FORTES E AGRES-  
SIVOS GUARDIÕES DO FURTO. ELES ELEVAM, NO ANDOR, AS ÚLTIMAS RIQUEZAS



GAÚCHAS ATÉ O CHIMANGO. ELE SEMPRE ESTEVE ALI DISFARÇADO E, NESTE MOMENTO, APODERA-SE DE TUDO ATÉ A INHAPA. A CENA PERMANECE UM TEMPO ESTÁTICA. OS ATORES ABANDONAM SEUS PERSONAGENS E CANTAM UMA BAGUALA.

ATORES -

(CANTANDO)

Ninguém dizer sabe ao certo  
Quando isto há de ter um fim;  
Que a continuar tudo ansim,  
Como agora tem andado,  
Mande esparramar o gado,  
E faça arrancar o capim.

(VÃO SAINDO PELA PLATEIA)

Os açudes arrombados,  
As invernadas abertas;  
As varges estão desertas,  
Onde o gado andava em pontas;  
E ali só se fazem contas  
Por debaixo das cobertas.

(EM MEIO AO PÚBLICO)

E aqui le ponho o arremate  
Na presilha desta história.  
Que um outro tenha a vitória  
De cantar nalgum fandango  
O mais que fez o Chimango  
Pra levar S. Pedro à Glória.

SOBRE O PALCO RESTOU APENAS A VISÃO DO ABUTRE COM  
SUAS IMENSAS ASAS ABERTAS.

TEATRO DE ARENA - 226-0242  
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010